

Processo de institucionalização do futebol feminino no Uruguai

Tiago Figueiredo

Universidade Federal Fluminense

Resumo: A entrada das mulheres em espaços considerados masculinos é uma conquista. Uma partida de futebol no Uruguai costumava ser um espaço de sociabilidade entre homens, o futebol, nesse sentido é uma das chaves da construção de muitas matrizes masculinas. Um dos primeiros brinquedos que um menino ganha é uma bola de futebol. Já uma menina costuma receber uma boneca ou uma réplica de um fogão para brincar de mãe/dona de casa. Porém, o que acontece quando uma menina entra nesse espaço de construção do masculino? Para tanto, este artigo, desde uma perspectiva etnográfica situacional, demonstrará o processo de institucionalização do futebol feminino no Uruguai através das estratégias da Associação Uruguaia de Futebol (AUF) para mudar os valores em torno do futebol, problematizando dessa maneira as disputas no campo esportivo e político. Construindo uma narrativa a partir da memória dos agentes que participaram desse processo a partir da criação do departamento de futebol feminino dentro da AUF, em 1996.

Palavras-chaves: Gênero, futebol, institucionalização, AUF, Uruguai

Female soccer institutionalization in Uruguay

Abstract: Women's entry into spaces considered manly in an achievement. A soccer game in Uruguay usually considered a male sociability space, in this sense; soccer is a key way to build many manhood matrixes. For instance, one of boy's firsts presents is a soccer ball. While girls use to get dolls or a stove replica to play mom/housewife. Nonetheless, what happens if a girl goes into this manhood building space? For answering this question, this paper, since a situational ethnographic perspective, will demonstrate the female football institutionalization process through Asociación Uruguaya de Fútbol (AUF) to change the values around of football. Problematizing, this way, the controversy in the politic and sportive field. Building a narrative from the football female department into AUF, in 1996.

KeyWords: Gender, Soccer, Football, institutionalisation, AUF, Uruguay.

(Montevideu, fevereiro de 2013. Sede da *Asociación Uruguaya de Fútbol*.)

Boa noite a todos os presentes. Aqueles que não nos conhecem, sou Nair Ackermann, presidenta da Delegação Uruguaia de Futebol Feminino¹. Ao meu lado, nossa secretária, Valentina Prego e nosso coordenador e diretor técnico Jorge Burgel. É um prazer tê-los todos aqui, interessados em promover esse torneio. Queria agradecer especialmente a repórter do Canal Cinco-TNU2, Romina Velásquez e a Tiago Figueiredo, pesquisador brasileiro, estudante da Udelar². A meu ver é fundamental termos pessoas que queiram promover o futebol feminino. Esse interesse externo, na verdade, demonstra que nosso esporte vem ganhando cada dia mais visibilidade.

O ano de 2012 foi de muitas conquistas. Acredito que isso é fruto da nossa batalha diária em tornar possível o sonho de tantas garotas poderem praticar este esporte que sem dúvida é o mais popular de nosso país, mas

que, por muito tempo nossa sociedade nos convenceu que não era um esporte para menina. Hoje, cada dia mais, futebol é coisa de mulher também. Todo esse nosso empenho não é só de promover um esporte, mas de transformá-lo como instrumento contra o machismo e a favor da igualdade de gênero.

[Aplausos do público]

Pois bem, sejam bem-vindos, espero vê-los mais vezes.

Bom, passamos agora aos informes gerais. Semana passada jogaram nossas meninas da seleção sub-17 e sub-20 com a seleção de Zimbábue no departamento de Maldonado-UY. Foram três jogos: empatamos os dois primeiros e... Perdemos o último por 3 a 2.

[...]

No momento em que a senhora Ackermann anunciou a derrota seu rosto corou. Quanto a mim, observava os participantes da assembleia convocada, nesse dia 13 de fevereiro de 2013, para sortear as chaves do torneio de futebol feminino sub-17 e sênior. Estavam presentes naquela sala treze homens e cinco mulheres que aparentemente possuíam mais de trinta anos; e mais sete moças que pareciam ter entre dezesseis e vinte dois anos. Era um grupo heterogêneo, das mais diversas disposições corporais: corpulentos, esguios, altos e baixos. Os homens, todos, exceto eu, vestidos de traje social, alguns até mesmo de blazer finos. As mulheres, de calça jeans e blusa ou então de vestido; já as mais jovens, todas de jeans, duas com camisa do Peñarol³, uma de agasalho da seleção uruguaia e as demais com camisas justas ao corpo. Havia um fotógrafo também acompanhando a repórter, mas assim que terminou o discurso inicial, a repórter sai da sala. Logo depois volta, fala ao pé do ouvido com o fotógrafo e em seguida se vão os dois.

Essas pessoas, exceto a repórter e eu, estavam representando de algum modo os times que disputariam o torneio. Dirigentes, jogadoras, técnicos e treinadoras. Estávamos sentados em cadeiras dispostas improvisadamente em cinco fileiras por oito colunas. Sendo estas últimas divididas no meio, formando um corredor central, enquanto Nair, Valentina e Jorge encontravam-se sentados em uma mesa ampla, voltadas de frente à audiência, Valentina está

com um laptop e Nair com uma prancheta de plástico com alguns papéis. Em cima da mesa um globo vazado, dentro dele, bolas coloridas enumeradas.

Percebi que quando fui anunciado, olhares curiosos voltaram-se para mim observando-me analiticamente da mesma maneira que eu os observava, o que me causou certo embaraço, no entanto, mais adiante, essa curiosidade sobre a minha pessoa se revelou fundamental para a realização desta pesquisa.

Os dados apresentados ao longo do presente artigo estão calcados no trabalho de campo realizado em três etapas 2013, 2015 e 2016, ocasiões às quais pude acompanhar as reuniões para formulação do torneio de futebol feminino, campeonatos organizados pela AUF, bem como pude realizar entrevistas com membros da AUF e ONFI, dirigentes e jogadoras dos clubes. Além disso, estive presente na rotina do Clube River Plate e, paralelamente, seguindo as notícias na imprensa uruguaia sobre futebol feminino no período de 2012 a 2016, pelos jornais *El país* e *La Diária*.

As falas que estão entre ([...]) são retiradas da assembleia na qual foi realizada o sorteio das chaves do campeonato de 2013. Optei por apresentá-las fragmentadas na continuidade do texto. Essa reunião foi a primeira daquele ano e além de ter sido o início do meu trabalho de campo. Muitos conflitos internos, principalmente entre capital e interior, ficaram evidentes naquele dia, como também as estratégias utilizadas para a realização de um torneio a nível nacional. Por fim, as demais falas serão devidamente situadas durante o texto.

Cabe salientar que a escolha metodológica de uma análise situacional, da maneira proposta Max Gluckman (2010), tem como objetivo revelar conflitos estruturais. A situação social, da maneira apresentada pelo autor, pode ser definida como situações/ocasiões ou condutas individuais de membros de uma comunidade, que são ponderadas e postas em comparação com distintos contextos. “A análise desse ponto de vista revela um sistema de relações subjacentes entre estrutura social da comunidade, as partes de estrutura social, o

meio, ambiente físico e a vida fisiológica dos membros da comunidade.” (GLUCKMAN, 2010, p.238). O autor, ícone da escola de Manchester, coloca a etnografia em um lugar central em seu trabalho, diferentemente da antropologia estrutural-funcionalista que o precedeu.

Dessa maneira, Gluckman faz uma descrição minuciosa da inauguração de uma ponte, a partir de um contexto específico, demonstra a complexidade das relações de poder e interações sociais da Zululândia, região da África do Sul, dividida entre europeus cristãos, zulus cristãos e pagãos. A partir desse detalhamento é possível ver que as relações não se resumem apenas nos conflitos gerados pelo poder europeu aos africanos; e sim que existem outras variáveis que complexificam as relações sociais na Zululândia. Tomando a descrição desse evento como ponto de partida em seu trabalho, Gluckman demonstra a linha tênue entre o equilíbrio e o conflito em uma sociedade heterogênea, sugerindo, dessa maneira, que alguns indivíduos estão transitando pelas categorias de identidades a todo o momento.

Gluckman sugere que os conflitos geram estabilidade em uma sociedade. Os conflitos são resolvidos por mudanças nas partes constituintes e concretas do sistema. Desse modo, a análise do autor perpassa pelos períodos de estabilidade relativa, junto com as causas e os processos por meio dos quais os conflitos se desenvolvem e as circunstâncias que o precederam. Já quando o conflito não se resolve de maneira em que a sociedade volte ao seu equilíbrio original, isso produz mudanças nos padrões e nas partes. Cada ajustamento engendra outros conflitos entre partes persistentes e emergentes dentro de um novo padrão. Assim, o processo social, isto é, a transformação da sociedade, está ligada há uma relação entre conflito e estabilidade, em que o primeiro é imprescindível para que haja o segundo. O risco da análise situacional é generalizar o estudo de caso em contexto micro a situações mais amplas, isto é, utilizar-se do estudo de caso para gerar generalizações é arriscado.

Nesse sentido, além do método situacional esse trabalho se valerá de análise da narrativa dos agentes envolvidos na história do futebol de mulheres no Urugua.

Valentina toma a palavra:

Gostaria de informar que estão abertas as inscrições do curso FIFA de treinadores de futebol feminino. A FIFA dá preferência a mulheres, mas homens também poderão participar. Os cursos vão de 15 a 21 de abril. Vagas limitadas. O foco do curso é para treinadoras que trabalham com meninas de até doze anos. As interessadas ou os interessados enviar um e-mail para a AUF-femenino. Não é necessário ser técnica diplomada, porém é importante que tenha em seu currículo uma trajetória enfocada em treinamento de garotas. É um curso muito importante para vocês, enfim, espero que se inscrevam.

Agora vamos ler a ata da reunião anterior. Todos de acordo?

[...]

A liga de futebol feminino uruguaia em 2013 estava composta por dezesseis times, sendo oito clubes competindo na categoria sub-17, sub-16 e sênior. Assim como no Brasil, o futebol na Banda Oriental⁴ é um esporte predominantemente masculino. A prática profissional ou enquanto jogo de criança está associada à sociabilidade de homens, logo, meninas que tentam adentrar nesse universo enfrentam várias adversidades, seja por preconceito seja por falta de perspectiva em progredir no esporte. Assim, minha proposta para esse artigo é produzir uma reflexão sobre as estratégias dos agentes do campo esportivo de institucionalização do futebol feminino no Uruguai que foram pensadas no intuito de normatizar a prática entre meninas.

É importante situar o leitor que o futebol do Uruguai se divide entre três instituições: AUF que rege os campeonatos principais do país com times de Montevideú; OFI (*Organización del Fútbol del Interior*), organização de caráter amador que gerencia os torneios dos demais departamentos do país; e ONFI (*Organización Nacional de Fútbol Infantil*). Todas estão localizadas na capital do país, Montevideú. Os torneios de futebol feminino no Uruguai iniciaram-se oficialmente em 1996⁵, organizados pela AUF⁶. Nesses vinte e um anos, apesar de uma relativa popularização, o esporte continua amador. Em 2013, existiam por volta de 1,5mil meninas confederadas à AUF e mil à ONFI-. As meninas costumam jogar nas escolas ou em escolinhas de *baby fútbol*, dos seis aos doze anos, porém quando atingem a idade limite da categoria infantil, que é a idade em que podem se filiar à

AUF, muitas abandonam o esporte. Segundo Ackerman, “Existem inúmeros motivos para isso acontecer, mas o nosso desafio para os próximos anos é encontrar maneiras de transformar o futebol como uma opção atraente para as adolescentes”.

Essas táticas de incorporação do futebol feminino na sociedade uruguaia, não são apenas para promover uma prática esportiva, e sim, repensar os lugares possíveis das mulheres na sociedade. Tal preocupação se inscreve dentro dos debates feministas sobre igualdade de gênero. O esporte pensado por um viés feminista é um assunto relativamente novo. Segundo a ferramenta *GoogleNgramViewer*⁷, o termo *feminist sport* só surgiu na literatura científica nos anos de 1980 tendo um crescimento vertiginoso de 1318%⁸ em 1996. Esse interesse pelo tema surge, de acordo com Jennifer Hargreaves (2014), através da antropologia feminista americana que entendia o esporte como uma forma de institucionalização da força masculina. Nesse sentido, o esporte entra na pauta feminista no intuito de buscar oportunidades iguais entre mulheres e homens.

O esporte como prática política feminista, orientado pelo discurso acadêmico, segundo Jennifer Hargreaves (2014), tem apontado as diferentes formas de discriminação e marginalização da mulher na sociedade. Em *Querying Sport Feminism: Personal or Political* a autora percorre por diferentes correntes feministas que, ao longo da história, problematizou a prática esportiva por mulheres. A partir da década de 1970, a segunda onda do feminismo se conectou a questões ligadas à igualdade de direito entre homens e mulheres, refletindo sobre as assimetrias ao acesso a determinados espaços de poder. Porém com o advento das teorias pós-modernas o desafio se tornou questionar o binarismo nas relações de gênero, propondo dessa forma a interseccionalidade para repensar tais problemas. A categoria mulher é problematizada e fragmentada, dando destaque, desse modo, as diferentes formas de ser mulher, por exemplo, ser negra, oriental, ocidental, judia, mulher esportista, de classe alta e etcetera.

O pós-estruturalismo recebeu a crítica de implodir o debate político feminista, mas de certa forma, para Haegreaves (2014), para se pensar analiticamente essa corrente, não é permitido cair em determinismos devido ao seu olhar sobre contextos que envolvem múltiplos diacríticos. Nesse sentido, pensar as dificuldades da entrada das mulheres no futebol não pode se resumir a considerar o machismo de forma genérica, como única forma de opressão nas relações de poder na sociedade. Questões como raça, classe social e contexto sócio-histórico devem também ser tomadas em conta. Ademais é preciso entender que os processos de institucionalização de ambas categorias são dados em épocas e situações distintas.

A literatura científica sobre esporte no Uruguai é demasiado escassa. Concentrando-se, em sua grande maioria, em narrativas sobre a história dos clubes, da seleção bem como a relação entre esporte, torcida organizada e violência. Até a data em que foi escrito esse artigo foram encontradas apenas dois trabalhos que relacionavam, mulheres, gênero e futebol, uma monografia na área de Educação Física que trabalha a temática de futebol feminino que dialogava com a literatura dos estudos de gênero e sociologia, escrita em 2005 por Maria Menseuver, e um artigo escrito por Lucía Pimentel de 2014, graduanda na área de sociologia.

Por outro lado, os esforços no intuito de promover a igualdade de gênero no Uruguai partem da presidenta da AUF-femenino, Nair Ackermann, que está à frente do conselho executivo de futebol feminino desde 2010. Ackermann é formada em Educação Física e iniciou sua carreira como treinadora e árbitra de hockey, além disso, trabalhou trinta anos no Ministério dos Esportes, dedicando esses anos de carreira a uma luta incansável pelo reconhecimento da mulher dentro do esporte. Nesse investimento, foi criado em 2006 o programa *Mujeres a la Cancha* junto ao governo municipal de Montevideú, cujo objetivo era promover debates, palestras e atividades que envolvessem esportes coletivos como o futebol e o hockey. Esses encontros eram celebrados no mês de março, mês da mulher. A partir desse

evento foi detectado que um dos espaços mais difíceis para a entrada das meninas era o futebol.

Por fim, antes de assumir a diretoria da Delegação Uruguaia de Futebol Feminino, Ackermann foi nomeada para dirigir uma comissão organizadora do mundial sub-17 feminino da FIFA para promover esse esporte no Uruguai e na América Latina. Tal acontecimento foi um marco importante, pois pela primeira vez na história, a FIFA nomeia uma mulher uruguaia para integrar uma de suas comissões. A partir daí, com apoio FIFA, o futebol feminino começou a receber mais investimentos.

As mulheres só começaram a ter espaço institucional em 1996. Depois de vinte e um anos pode-se dizer que o futebol feminino tem se popularizado ou, pelo menos, tem sido normalizado, isto é, não é mais visto como uma anomalia. Esse aspecto anômalo do futebol feminino será explicitado mais adiante. O que quero apontar neste momento é que apesar da sua popularização e das campanhas para promover tal prática ele ainda segue no âmbito amador. Essa preocupação em profissionalizar o futebol feminino, em parte, é devido à comparação inevitável com a categoria masculina que, por sua vez, é um mercado bilionário. Uma das pretensões da AUF, seguindo uma tendência global é criar um alto nível de especialização do futebol de mulheres para impulsionar sua profissionalização. Para alcançar esse objetivo, em 2013, uma das propostas era aumentar a quantidade de meninas federadas na ONFI e AUF. Naquele ano existiam por volta de 1,5mil meninas confederadas a AUF e mil a ONFI. Além dos desafios mais imediatos, Nair diz ainda que:

Existe um preconceito cultural desde a formação, por exemplo, eu sou docente de Educação Física e nunca teve uma bola aos nossos pés na faculdade. Existiu uma sequência cultural, penso eu, de um rechaço, talvez, do futebol voltado à mulher. Mas, de certa forma, o mundo está mostrando, através dos jogos olímpicos, que as mulheres podem avançar e isso aponta para as 40 milhões de mulheres que jogam futebol no mundo, mas ainda é muito pouco se compararmos pela quantidade de homens, que está na marca de 200 milhões. Muitas vezes a mulher tem que trabalhar o triplo. É um ambiente machista, mas hoje se pode passar pelo estádio *Arenas del Plata* e ver as meninas de todos os departamentos participando do Campeonato de Futebol de Praia da FIFA. Tudo isso é base de uma estratégia de desenvolvimento do trabalho da mulher em um período mais longo. Por agora, é importante que invistamos na formação de jovens treinadoras com foco no futebol

feminino. Em muitos lugares ainda temos pais que não deixam as meninas jogarem, e, nesse sentido, é nisso que temos que trabalhar. (Nair Ackermann, entrevista, 21/02/2013)

Nair Ackermann parece olhar com certo otimismo para as oportunidades da nova geração no esporte. Em sua gestão 2012 a seleção sub-17 foi classificada para a copa do mundo no Azerbaijão. Acontecimento inédito na categoria feminina, cujo Nair soube articular muito bem essa conquista na mídia. Ela própria e algumas jogadoras foram em alguns programas de TV e deram entrevistas em jornais. Interessante notar que Nair frisou nas entrevistas que grande parte daquele sucesso foi o trabalho continuado. Meninas que começaram a jogar nas categorias sub-13 da ONFI e que seguiram na adolescência federadas na AUF. Além disso, ela também entende que ademais da estrutura dos campeonatos federados é necessário o apoio familiar e individual das atletas. Assim, o ano de 2013 começou com muitas esperanças devido aos bons resultados no ano anterior.

O campeonato de 2013 estava previsto para ter início no dia sete de abril e, segundo me adiantou Nair antes do início da assembleia, o objetivo daquele ano era tentar arranjar maneiras de os times do interior participassem sem ter muitos ônus, pois nos campeonatos passados ocorrera muitos W.O por falta de verba das outras equipes virem jogar em Montevideu. Naquele ano participara do campeonato Rocha que fica a mais ou menos 350 km da capital, Juventud e Canelones, pertencente à região metropolitana.

Após a leitura da ata da reunião anterior em que foram decididas as datas do início do campeonato e o dia da semana que iriam ocorrer às partidas, foi solicitado que cada dirigente fosse a frente retirar um número no globo para o sorteio das chaves.

Assim, o campeonato sub-16 ficou da seguinte maneira: Uruguay Wonders x Canelones, Juventud x Cerro, Peñarol x City Park; Nacional X Colón.

[...]

Os horários das partidas serão às quinze horas ou o que ficar de comum acordo entre os clubes. Quem figurar como local será responsável por informar à AUF onde será o jogo. Por favor, vamos tentar não cancelar por

chuva, caso esteja chovendo muito, transferimos o jogo para domingo ou para uma data de comum acordo entre as equipes. Todos de acordo?

Um homem levanta-se de seu acento e pede a palavra, com a voz meio trêmula, e com uma expressão encabulada:

Boa tarde a todos, sou David Lopez, represento o clube Huracán Buceo, agora mesmo nosso presidente está lá embaixo na tesouraria para acertar algumas dívidas que temos. O clube Huracán tem muita vontade de participar do campeonato, contamos com um campo, vestuário, uma academia completa e estamos dispostos a oferecer toda a estrutura do clube para que o torneio seja o melhor para todos. Mas acontece que nosso time era um time novo, tínhamos apenas dois meses de treino e acontece que no nosso primeiro jogo as meninas perderam de goleada e acabou que elas desanimaram e a equipe se desfez. E por isso venho aqui, humildemente, pedir aos senhores, se por acaso, algum de vocês teria alguma jogadora para emprestar para podermos participar desse campeonato.

O silêncio toma conta da assembleia. Algumas pessoas se ajeitam na cadeira, olham para os lados, coçam a cabeça, até que a mesa pede para que alguém dê uma resposta a David.

Então, a representante do Juventud toma a iniciativa e diz:

Bom, de certo modo, nosso interesse no momento é participar apenas dos jogos do sub-16, pois estamos investindo na formação dessas garotas desde seus doze anos e queremos fazê-las progredirem a ponto de se tornarem nossa equipe oficial. No entanto, temos em nosso clube algumas meninas que estão acima dessa idade que poderíamos conversar com elas e ver se elas aceitam jogar para o Huracán. Acontece que somos de Canelones isso talvez dificulte um pouco, uma vez que elas teriam que se deslocar até Montevideú para treinar (...)

Apesar de contar com estruturas de clubes importantes e apoio da FIFA o futebol feminino no Uruguai tem um toque de improviso e informalidade desde a concepção do torneio até os próprios jogos. Nas quatro assembleias que observei a preocupação com dinheiro só foi posta em relação aos custos das viagens para as equipes do interior virem jogar em Montevideú. As demais questões que deveriam ser solucionadas através do capital financeiro eram solucionadas através da troca de favores; através dos “contatos” que deviam retribuir algum favor do passado. Os organizadores parecem operar através da troca de favores. Como no caso entre Huracán e Juventud, em que o primeiro aponta todos os benefícios que sua participação poderia trazer aos outros clubes, porém, de imediato, põe uma condição *sine qua non* para eles participarem.

Creio que seja importante mencionar que o Clube Huracán Buceo acumulou derrotas na liga profissional de futebol e está desligado da AUF desde o ano de 2009 por não ser rentável. Ora, o que parece chamar atenção é o motivo pelo qual um time que sai da liga masculina devido às dívidas acumuladas, quatro anos depois ressurgir para participar do torneio amador feminino e quitar as dívidas junto à AUF. A reunião terminou com um desentendimento. O diretor da equipe de Rocha achou ultrajante que a maioria dos jogos ocorresse em Montevideu, pois ficaria muito caro para eles poderem participar da competição. Esse senhor se alterou bastante e saiu batendo a porta antes que o fim da assembleia fosse anunciado o que causou um constrangimento geral.

Segundo as leis uruguaianas de incentivo ao esporte, o apoio a esportes como futebol e basquete se declara interesse nacional. Assim a pessoa física ou jurídica que ajudar a fomentar o esporte, principalmente quando esse for para a formação de jovens atletas, segundo o artigo X, em troca recebe isenções fiscais relativas à melhoria das dependências do clube, como importação de materiais. Fora isso, a AUF, também como incentivo, perdoava parte da dívida dos times que investissem na categoria feminina.

Nair Ackermann chama atenção em uma entrevista dada ao canal 5 para que as empresas entendam as mulheres como consumidoras de produtos esportivos no intuito das mesmas começarem a patrocinar o esporte feminino.

Assim, nessas primeiras linhas observam-se certos agentes do campo que detêm acúmulo de capital suficiente para decidir os caminhos do futebol feminino. A proposta, sobretudo, é tornar interessante para os clubes e empresas patrocinadoras ajudarem a promover algo que já acontece na sociedade.

O que se vê aqui são os agentes transferindo seu capital simbólico de modo a estabelecer uma prática marginal em uma prática institucionalizada. Estabelecer o futebol

feminino vai muito além de incentivar uma prática esportiva. Em muitas entrevistas dadas aos telejornais, as futebolistas costumam mensurar as dificuldades de entrar nesse mundo devido ao machismo. Nesse sentido, jogar futebol e, sobretudo, as tentativas de profissionalização das jogadoras relacionam-se a um movimento que vem ganhando força em vários âmbitos da sociedade uruguaia: a luta por igualdade de gênero.

Se analisarmos a fala inicial do presente texto, percebemos que naquele ritual corriqueiro que representa uma assembleia, o discurso de abertura proferido pela presidenta da delegação feminina de futebol da AUF inaugurava a temporada de 2013; e, para tal, Nair Ackermann optou por fazer uma retrospectiva positiva do ano anterior, na qual ressaltou o esforço dos envolvidos e também o ganho de visibilidade da categoria feminina de futebol; apontando minha presença e de uma jornalista naquele evento, como prova disso. Mas o fato marcante para mim foi que, no término de seu pronunciamento, Nair utilizou-se da expressão igualdade de gênero. Tive o estranhamento de ouvir a palavra gênero por uma agente no campo, o que me fez refletir se desde sempre o futebol feminino havia sido uma questão de gênero para seus atores. Tal pronunciamento teria sentido há vinte anos?

A categoria gênero vem sendo utilizada fora da academia e dos movimentos feministas. No Brasil o caso é polêmico devido ao investimento público, nos últimos oito anos do governo eleito democraticamente, para introduzir uma educação sobre identidade de gênero e também devido ao acirramento das posições políticas nessa mesma época que culminou no golpe de Estado em 2016. Falar em gênero passou a ser associado, dentro de um lugar comum, como uma “ideologia de esquerda, comunista/ditatorial, propagada pelos “estudantes de humanas”. Logo, para um brasileiro com orientação política mais conservadora seria inimaginável que uma organização capitalista que faz girar milhões de dólares por ano, como a FIFA, começasse a investir em um discurso de igualdade de gênero.

No caso uruguaio o léxico *género* (grafia em espanhol) tem sido incorporado nas escolas no ano de 2016, não menos rodeado de polêmicas do que no Brasil. Críticas alegando artificialidade do termo ou que seja uma imposição das minorias revelam em ambos os países uma disputa entre agentes no campo político para a manutenção de uma moralidade sobre a sexualidade, desejo e as disposições dos corpos. Essa moral consiste em entender que essa tríade compõe lógicas rígidas e dadas pela “natureza” ao contrário das cartilhas de igualdade de gênero distribuídas nas escolas que sugerem construções sociais flexíveis e não lineares. No Uruguai existe um blog chamado *varonesunidos*⁹ que trata de promover um discurso contra ao que eles chamam de ideologia de gênero. É um grupo que claramente luta para não perder seus privilégios como homens. No entanto, apesar de um entendimento, a meu ver, muito equivocado do que seja igualdade de gênero e feminismo promovem uma contra discussão sobre o tema.

Ter a categoria gênero sendo mobilizada em diferentes espaços sugere uma vitória ou um reposicionamento no campo político de movimentos sociais como LGBTI e os feminismos. A disseminação desse conceito, por outro lado, surge também como uma política massiva da ONU desde o final do século XX, principalmente através da secretaria ONU-Mulher. Nas últimas décadas as Nações Unidas têm investido fortemente nesse lema de igualdade de gênero em todo o mundo, inclusive criando postos de trabalho como *Gender Programme Specialist*, por exemplo, em que se busca pessoas capacitadas a desenvolver e analisar contextos sociais de modo a promover igualdade de direitos entre homens e mulheres.

O que eu quero trazer com essa breve contextualização é que gênero, assim como direitos humanos ou racismo, se tornou um conceito que atingiu a opinião pública de modo a produzir posicionamentos diversos frente a ele. Inclusive sendo utilizado como sinônimo de sexo.

Mas o que é gênero? Grosso modo as relações de gênero são relações entre indivíduos em que as diferenças dadas por uma suposta natureza sexual entre machos e fêmeas geram desigualdades sociais. Esse conceito se distingue de sexo, pois está no plano representacional e simbólico. Já o sexo se encontra no plano, ou se refere, a fatores biológicos: ser fêmea ou macho. Ainda, se diferencia também a “sexualidade” o que vem a ser as preferências e comportamento sexual.

O termo gênero, segundo Stolker (1991), só começou a ser utilizado nos estudos feministas a partir da década de 1980. O que se denominava na década de 1970 papéis sexuais começou a ser entendido por uma ampla variação em “termos transculturais”. Sendo assim, não cabia mais reduzi-lo ao “inevitável natural e universal das diferenças de sexo” (STOLKER,1991).

O gênero como conceito analítico, nesse sentido, se destina a romper com a máxima essencialista e universalista de que as relações entre homens e mulheres são redutíveis a fatores biológicos, interpretando tais relações como articulações culturais e derivações sociais e psicológicas.

O termo gênero, apesar de muito utilizado dentro da academia nem sempre é muito claro. Nos estudos feministas não existe um posicionamento crítico claro o bastante para uma análise, tampouco há um consenso da utilização desse conceito (STOLKER, 1991).

Até então os estudos sobre gênero se focavam em relatar as experiências das mulheres. Sejam elas desvantagens ou realizações, suas reivindicações principais eram por direitos iguais. Os estudos de gênero introduziram a discussão sobre as relações entre homens e mulheres, focando nas diferenças. A ênfase é mudar as relações de gênero de maneira a acabar com todas as construções de desigualdade. (STOLKER, 1991).

Oriento-me, dessa forma, na diferenciação proposta por Stolker (1991) em que sexo compreende as diferenças biológicas entre macho e fêmea. Logo, o gênero aponta outras

dimensões que não podem ser redutíveis a variações de fatos biológicos. O gênero engloba rótulos translinguísticos ou transculturais. As categorias de gênero “são convencionadas ou arbitrárias, que variam de uma língua para outra de uma cultura para outra. De maneira em que ordenam uma experiência ou ação” (STOLKER,1991. P10).

Portanto, quando a presidenta da AUF Nair Ackermann resgata termos como machismo e igualdade de gênero ela, supostamente, desloca o debate que suporia uma disputa no campo esportivo principalmente por capital financeiro, para uma discussão política mais ampla e atual que, de certo modo, busca suporte para legitimar esse esporte. Em outras palavras, entender o futebol como uma questão de gênero requer criar estratégias que consigam atualizar as estruturas da sociedade uruguaia, ao mesmo tempo, em que se cria uma noção de grupo identitário coeso entre as mulheres envolvidas no esporte.

Joan Scott no artigo “O enigma da Igualdade” (2004) apresenta que no cenário político e na vida social, ao longo da história, as identidades coletivas sempre se fizeram necessárias. Nos conflitos políticos, as diferenças entre grupos são acentuadas através de hierarquias que envolvem classe social, raça e gênero. O fator coesivo do grupo é diferenciar-se de outro. Quando se pensa em grupos minoritários, há de se ter claro que estas proporções não são definidas matematicamente e sim pelas relações de poder que abarcam os grupos bem como suas características biológicas que, nesse sentido, são entendidas como determinantes para se criar um sistema de exclusão.

Tal fato se apresenta, por exemplo, na exclusão das mulheres da vida política. Nesse sentido, Scott aponta que os feminismos surgem como identidade de grupo no intuito de inserir as mulheres na vida política, eliminando, desse modo, as diferenças sexuais na política (SCOTT, 2004, p.21).

Atualmente, a demanda pela compreensão da mulher como sujeito de direitos é uma das pautas de diversas vertentes dos movimentos feministas. Isso sugere que essas táticas de

incorporação do futebol feminino na sociedade uruguaia não são, apenas, para promover uma prática esportiva e, sim, repensar os lugares possíveis da mulher no espaço público.

No entanto, segundo Valentina Prego, atual presidenta do *Consejo de Fútbol Femenino* (CFF) a maioria das mulheres costumam escolher atividades que não são federadas como correr ao ar livre, frequentar academia de musculação e ioga. No geral, atividades com fins higienistas. Bourdieu entende que

a ginástica ou os esportes estritamente higiênicos, como a corrida e a marcha, são atividades altamente racionais e racionalizadas: primeiro porque supõem uma fê resoluto nos motivos e nos lucros diferidos e frequentemente impalpáveis que elas prometem (...) (1983, p151).

Para determinadas classes sociais a construção de um corpo “*fitness*” é almejada, e ainda, existe uma feminilidade desejada pela construção de corpo-objeto e jovial. As mulheres passam por isso, pois a beleza feminina está relacionada à jovialidade. As práticas esportivas, segundo Bourdieu (2007), variam de acordo com as classes, essas diferenças se dão a partir de uma mudança das percepções e apreciações das vantagens. As atividades físicas seguem uma lógica entre acúmulo de capital econômico e cultural, como também o tempo livre (ócio) que o agente possui, além da avaliação que o mesmo tenha das vantagens em relação à captação de capital (relação de lucro e custos). A preocupação com a beleza e zelo pela saúde se expressa através do habitus de classe. É importante frisar que a noção de beleza muda a cada fratura de classe. Dentro das classes médias e pequeno-burguesas a preocupação por um corpo aparentemente saudável está mais relacionada com um corpo atleta do que nas classes mais baixas.

No caso dos esportes federados as mulheres no Uruguai, como me informou Valentina, representam 7%, dentro dessa baixa porcentagem, o futebol e o handebol são esportes que têm maiores demandas, o primeiro com a vantagem de ter maior visibilidade de desenvolvimento pelas diligências da FIFA.

Valentina afirma que nos últimos anos aumentou consideravelmente o número de mulheres não federadas que jogam futebol, isto é, se reúnem entre amigas para jogar nos parques.

Claro, na verdade o fenômeno é a sociabilidade, porque as mulheres não se aproximam da AUF, pois se tem uma visão negativa da AUF; que é cara, que as quadras são ruins... A AUF é um ambiente duro, a linguagem que se utiliza não é uma linguagem amigável para uma mulher, é quase militar. As outras ligas são mais amáveis. Tem que modificar um pouco para que as mulheres se sintam bem-vindas (Valentina, entrevista 30/07/2016)

Apesar das conquistas da seleção de futebol masculino, a Banda Oriental não é um país esportista. Segundo o *Plan Nacional Integrado de Deporte* (PNID) aponta que 60% da população é sedentária. Devemos ter em mente que o futebol masculino ultrapassa quaisquer barreiras que o possa limitá-lo a ser entendido apenas como um fenômeno esportivo. Assim, quando se entende as faltas de incentivos no futebol praticado por mulheres não podemos nos ater apenas a ideias como machismo ou o futebol é interdito as mulheres. Não existe no Uruguai, por exemplo, esporte confederado olímpico com grandes números de medalhas nas olimpíadas. Além disso, segundo a secretaria de esportes de Montevideu, o futebol é a modalidade esportiva na qual as mulheres mais têm participado no país.

No geral, segundo o PNID 73% das mulheres não praticam esporte. Jennifer Hargreaves (1993) sustenta que as mulheres ainda são marginalizadas nas atividades de lazer e deporte. Uma das razões apontadas pela autora é a responsabilidade doméstica que não costuma ser outorgada aos homens. Em consonância com esta ideia, Dunning (2003), sugere ser fundamental para o esporte masculino a divisão de gênero no trabalho, pois a exploração do trabalho feminino no âmbito doméstico possibilita que os homens tenham tempo livre. Portanto existe uma exclusão ocasionada pela divisão sexual do trabalho que coloca os homens na esfera pública e a as mulheres na esfera doméstica, dificultando culturalmente o acesso ao esporte pelas mulheres.

Por outro lado, o futebol feminino tenta ganhar visibilidade no campo esportivo ou inserir-se nele? Deve-se ter em conta que a noção de campo, segundo Bourdieu, expressa os conflitos por acúmulo de capitais. A disputa entre dominantes e dominados se dá através da legitimação de práticas em que os primeiros tentam conservar o capital acumulado e a ordem vigente; e os segundos subverter essa lógica na tentativa de reafirmar sua posição dentro do campo ou elevar-se na hierarquia cultural.

Se analisarmos o que está em disputa nos relatos trazidos até aqui talvez percebamos que, além da busca por acúmulo de capital simbólico, a luta por reconhecimento desse esporte envolve outras relações que atravessam o campo esportivo e que, portanto, situa o futebol feminino à margem desse campo. Como por exemplo, Bourdieu sugere:

[...] o peso relativo dos diferentes esportes nas organizações esportivas internacionais tende a depender cada vez mais de seu sucesso televisual e dos lucros econômicos correlatos. As pressões da difusão televisiva afetam também cada vez mais a escolha dos esportes olímpicos, dos lugares e dos momentos que lhe são concedidos, e o próprio transcurso das provas e das cerimônias. (BOURDIEU, 1997, p.124-125)

Nesse trecho o autor destaca o constante crescimento do poder econômico das emissoras nas diretrizes do esporte, ditando horário e dia das competições. Trocando em miúdos: esporte que dá audiência tem patrocinadores e, conseqüentemente, maior legitimidade dentro do campo. Dessa maneira, a fala de Nair ao canal 5, em que ela busca pedir incentivo a empresas para patrocinarem a categoria feminina sugere uma estratégia de acumular capital econômico e social, de modo que a categoria feminina ganhe visibilidade. Como também encontrar agentes dispostos a investir diversos capitais nessa prática. Isso inclui jogadoras, torcedoras, técnicos especialistas em futebol feminino, corpo de árbitras e etcetera.

Deve-se ter em conta que os agentes do campo que detêm maior capital acumulado são capazes de subverter e remanejar as posições no campo. Nesse sentido, quando vemos uma iniciativa da FIFA em investir no esporte feminino vemos as disposições dentro do campo se

rearranjarem. Se no tempo em que Nair estava estudando Educação Física, na faculdade, ela não teve contato com uma bola de futebol, isso se dá devido a um contexto sócio-histórico que situava as mulheres fora dessas zonas de lazer esportivo. O que vemos, então, é o processo de mudança nas estruturas das relações de gênero na sociedade, com a incorporação de um *habitus* esportista, a saber, futebolista no estilo de vida feminino. A noção de *habitus* trazida por Bourdieu (2002) modela a inserção do indivíduo no mundo tanto mental quanto corporalmente. Supõe-se, assim, uma estrutura que se conforma nas relações sociais, dando, dessa maneira, um caráter heterogêneo aos próprios papéis de gênero.

Nota-se o investimento dos times e da seleção uruguaia em produzir jogadoras nos times de base. A ideia é que esse capital corporal seja acumulado o quanto antes. Nesse sentido, romper com o binarismo de gênero é fundamental para que os pais e a sociedade as permitam jogar futebol.

A prática do futebol, nesse aspecto, é capaz de moldar um corpo sexualmente feminino, que deveria ser um corpo-objeto, em um corpo-sujeito. Com efeito, as diferentes significações que o esporte pode dar ao corpo são decisivas para a continuação das meninas no futebol ou não. Porém, ainda falando sobre disputas, Bourdieu (2002) sugere que violência simbólica, aquela exercida sem que a vítima se dê conta que está sendo violentada, insere a construção do corpo feminino em uma inadequação com o mundo.

Dito de outro modo, o esporte tece determinado tipo de dominação masculina, esse predomínio tem bases históricas, políticas e culturais. Quando a mulher adentra nesse espaço torna-se sujeito transgressor das fronteiras de gênero, ou seja, do campo de poder, não só do ato de jogar futebol em si, mas da sociedade em geral, pois a prática desportiva está completamente arraigada às bases sexistas. Uma mulher praticante de futebol assume inúmeros riscos no âmbito simbólico devido ao tipo de modelação corporal que o esporte proporciona.

Nota-se como é necessário definir que é feminino o esporte do qual estamos tratando aqui. Bourdieu em *A Dominação Masculina* (2002) aponta que:

Muitas vezes já se observou que, tanto na percepção social quanto a linguagem, o gênero masculino se mostra como algo não marcado, de certa forma neutro, ao contrário o feminino que é explicitamente caracterizado. [...] os traços femininos são percebidos apenas presentes ou ausentes. (BOURDIEU, 2002, p.9)

A necessidade da demarcação do feminino e a ausência de gênero na categoria masculina situam o futebol praticado por mulheres em uma zona de exceção, de anomalia. Todas essas disputas conformam novas disposições nas relações sociais de maneira mais ampla, não apenas circunscritas ao futebol. Mas como apontou Nair, na fala que abre este texto, tais esforços mobilizam questões sobre igualdade de direito ao acesso em diversos âmbitos da sociedade uruguaia. A institucionalização do futebol feminino no Uruguai, isto é, a regulamentação social dessa prática a partir da criação de uma lógica própria e compartilhamento de valores morais pelas instituições sociais; revela mudanças mais amplas na configuração do campo esportivo, conjuntamente a sociedade civil. Se por um lado o futebol de mulheres vem ganhando visibilidade e incentivo do Estado e da FIFA, por outro lado, a Sociedade Civil, paulatinamente percebe novos lugares sociais para as mulheres.

Nos próximos parágrafos tentarei demonstrar, a partir de relatos de pessoas que participaram da construção da história dessa categoria esportiva o cenário antes da década de 10 do século XX.

21 Anos de futebol feminino no Uruguai



Figura 1 Primeiro time do Nacional em 1970.

Fonte: Bolsilludocom.blogspot.com.br

Então, se acordou no dia de 15 de agosto de 1996, que íamos fazer o primeiro registro do F.F no Uruguai. O problema era: quem ia ser a primeira futebolista federada? Porque isso ia ser histórico. Ao final, cinco equipes escolheram cinco jogadoras e fizemos um sorteio. E saiu Silvia Eva, foi jogadora da seleção e do Cerro. Naquela época estavam com plantel feminino o Cerro, o Danúbio, o Nacional, o Liverpool, o Bella Vista e o Lasañe. E foi impressionante o dia... Presenteamos com umas flores as garotas, ainda saiu como capa do *El Observador*¹⁰ e saiu uma foto grande. (Matilde Reich, 8/01/2017)

Desde a última década do século XX existem diversos tipos de investimentos pelo mundo em torno da prática do futebol, tanto no âmbito esportivo, quanto na construção do futebol como lazer para mulheres. Assim, as jovens que se interessam pelo o futebol em 2017 tem relativa oferta de possibilidades para praticá-lo. Mas não foi sempre assim. Nos anos 1970 no Uruguai houve a tentativa de formular campeonatos de mulheres, mas por falta de maior apoio e verba as tentativas de consolidação do futebol feminino só veio de fato com a sanção da FIFA que obrigava as Federações locais a investirem na categoria. Entretanto, nos anos 1990, a partir dos primeiros passos da sua institucionalização, o futebol feminino

conseguiu manter seus campeonatos perenes até os dias de hoje. Parte dessa conquista se dá, em grande parte, pelas pessoas que estiveram responsáveis por gerir o *Consejo de Fútbol femenino* (CFF) dentro da AUF.

Matilde Reich, 75, a primeira presidenta da CFF, me recebeu em sua casa e me contou partes desta história que está arraigada a sua trajetória de vida e revelou que as mulheres já jogavam antes mesmo de 1996:

Aquí [no Uruguai] o futebol feminino existe desde... Faz quarenta anos, mas era esporádico. Inclusive se fazia espetáculos que pareciam circo. Era um grande espetáculo, algo exótico. Inclusive, existia um juiz, que já faleceu, Ramon Barreto, foi muito bom árbitro, mas o contratavam para se fazer de palhaço administrando essas partidas. As jogadoras se juntavam para bater nele, era uma coisa absurda. (Matilde Reich, 08/01/2017)

Já Nair Ackermann, em outra circunstância, me revelou que existem registros de algumas tentativas de mulheres jogarem futebol, datadas de 1940. E ainda, nos anos 1970, o clube nacional manteve um time feminino e chegou a realizar alguns campeonatos.

Antes da institucionalização – Ou a História do Futebol feminino da perspectiva do Clube Nacional

O primeiro registro oficial que se tem sobre um time de futebol feminino foi no clube Atlético Nacional. No site¹¹ desse importante clube destacam-se os feitos de sua dirigente, Zulma Palavecino, que consolidou o primeiro time feminino da história do país. No dia 14 de novembro de 1970, Zulma e outros dirigentes de clubes fundaram a *Asociación Amateur de Fútbol Femenino* (AAFF). Assim, durante cinco anos consecutivos, eles organizaram campeonatos nos quais o Nacional ganhou todos. Mas essa experiência teve vida curta e, após 1975, as atividades foram sendo reduzidas até AAFF se dissolver por falta de apoio. Paralelamente, em 1973, os militares tomaram o poder e instauraram uma ditadura civil-militar até 1985. Apesar de não ter sido proibido como no Brasil, o futebol feminino no Uruguai perdeu fôlego, pois o país também estava passando por um momento complicado para a sua história democrática¹².

Naquela época se formaram dezessete equipes: Águila e Negras, Amazonas, Bella Vista (de San José), Cerro Azul, Huracán (de Sarandí), Iriarte, Las Albas, Las Charrúas, Las Estrellas (de Santa Lucía), Las Rebeldes (de Florida), Lomas de Zamora FC, Nacional, Pampero FC, Paso de los Toros (de Tacuarembó), Peñarol, River Plate (do departamento de San José), San Lorenzo (do departamento de San José) y Santiago Vázquez.

Apesar de criarem a AAFF nunca existiu de fato uma liga feminina. Na realidade, o que ocorriam eram alguns jogos esporádicos, normalmente amistosos locais. Os jogos não eram apenas em Montevideu, no interior do país, eventualmente, também ocorriam partidas.

A primeira copa do mundo de futebol feminino ocorreu em 1991 na China, e em Montevideu o futebol feminino era um fenômeno ainda ganhando forma. Apenas Nacional, Cerro e Rampla Jr. tinham equipes femininas dentre os quatorze times da primeira divisão masculina. Mulheres jogando futebol ainda era um evento exótico. Para se ilustrar, no mesmo ano, no dia da independência, 25 de agosto, fizeram três partidas comemorativas no estádio Luis Tróccoli, no bairro do Cerro, em que as equipes vencedoras de cada partida ganharam um troféu. Os resultados dos confrontos foram: Amazonas 12 x 0 Comisión Vecinal; Nacional 4 x 2 Hijos del Mar, Rampla Juniors 4 x 1 Cerro.

Ainda no início dos anos de 1990, houve tentativas de fomentar o futebol feminino, paralelamente a qualquer iniciativa da AUF. Um exemplo desses investimentos foi a Copa Ricardo Espalter, em homenagem ao ator uruguaio e torcedor do Rampla Junior que doou três troféus para a realização de um torneio feminino. Essa articulação foi realizada entre jogadoras do Rampla e Nacional. Assim, entre 1991 e 1993, foram realizados esses campeonatos. Rampla ganhou duas vezes e o Nacional uma vez.

Naquela mesma década, como me conta Matilde Reich, “surge a FIFA obrigando todas suas associações e federações filiadas a ter futebol feminino”. Matilde relembra: “Na

época não se tinha muitas exigências e nem se ensinava como se fazer isso, somente se dizia que se tinha que ter uma seleção feminina”.

Assim em 1995, obrigada pela FIFA, a AUF organiza uma comissão para regulamentar e organizar as mulheres que, eventualmente, já praticavam o esporte. Essa equipe, por sua vez, foi dirigida pela professora de Educação Física, ex-secretária dos esportes no governo frenteamplista¹³ da intendência de Montevideu nos anos 1990, Matilde Reich. Um ano depois, a AUF organiza o primeiro campeonato, nomeado como *Torneo Inaugural*. No ano seguinte, o torneio recebeu um nome permanente e começou a ser chamado de *Campeonato Uruguayo*, o qual acontece ininterruptamente desde então. Nesses 21 anos, duas jogadoras do Nacional obtiveram o prêmio *Charrúa*¹⁴ concedido pelo *Círculo de Periodistas Deportivos del Uruguay* (CPDU).

Matilde Reich me contou que foi convidada pela AUF após um congresso da CONMEBOL em que se discutiu o decreto da FIFA no qual se mencionava que todos os clubes de futebol precisavam de uma equipe de mulheres.

(...). Então, começamos com seis ou sete equipes e nos deu muito trabalho... Inclusive, o gerente desportivo, quando eu cheguei à sede da AUF, me disse: “*¡ay señora! Cuanto la quiero*”,. Eu lhe disse: “*¿a mí? Sí no me conocés*”. E ele: “*me vas a sacar estas mujeres de encima*”. [Matilde gargalha] — Fazia dois anos que ele estava tentando organizá-las, mas não foi possível. Então ali começamos um trabalho, fizemos uma espécie de estatuto, a ver como iríamos trabalhar, não era ainda uma coisa oficial, nacional. Não era o departamento de futebol feminino como tem agora. Senão que, tínhamos que construí-lo. E, assim, a primeira coisa que nos enfocamos foi organizar o futsal. Fizemos campeonatos não oficiais, digamos campeonatos experimentais para ver o que passaria com isso. Tivemos bastante êxito, e se resolveu dar continuidade com o futebol de campo. O engraçado que depois de internalizado o futebol feminino na AUF, nesses anos, fizemos uns campeonatos de futsal nas quadras que têm na orla e, então, passavam por ali e gritavam às garotas coisas horríveis, o mínimo que lhes diziam era “*¡Vayanse a cocinar!*”, era assim, lamentável. Inclusive, quando eu comecei a trabalhar com isso, me chamaram para uma entrevista na rádio e saiu uma repórter na rua para fazer uma enquete perguntando sobre o que achavam das mulheres jogando futebol. E todos diziam injuriados: “*nooo nooo¿ Qué mujer va a jugar el futbol?* ”. Hoje em dia todo mundo aceita que elas joguem e ainda falam que jogam bem. (Matilde Reich, entrevista, 8/01/2017)

Matilde descreve um cenário desértico em que ela e sua equipe deveriam criar os elementos burocráticos mais básicos dentro da AUF e ainda ter que lidar com o preconceito da população com mulheres no esporte. Em seu relato vale destacar a mudança da percepção

da sociedade civil em relação ao futebol de mulheres. Se em um primeiro momento os sujeitos se sentiam livres para vociferar frases ordenando-as a ir para o âmbito privado, pois as mulheres supostamente deveriam ficar em casa cozinhando, cuidando do lar. Em um segundo instante por mais que o preconceito ainda possa estar presente, verbalizar isso se tornou moralmente inadequado, ademais do futebol feminino estar melhor estruturado.

Já a primeira participação uruguaia em uma competição internacional foi em 1999 no campeonato sul-americano, em que o Brasil saiu campeão. A equipe uruguaia contava com algumas atletas que jogavam no exterior.

Depois desse jogo com Argentina que jogaram muito bem perderam da Bolívia. O primeiro jogo foi com as paraguaias, tínhamos uma goleira de 39 anos que era excelente, mas tomou três gols muito estúpidos, de ir pegar a bola e se escapou da mão. A ponto do técnico uruguaio, encontrar com as jogadoras paraguaias no café da manhã e dizer “de nada”. Mas foi uma primeira experiência, em definitiva, com as dificuldades que tivemos para ir, não tinha dinheiro, e ademais com a coisa incrível que foi ter duas jogadoras que vieram e jogavam no exterior, uma da França profissional e uma que estava com uma bolsa de estudo para jogar nos Estados Unidos. (Matilde Reich, 8/01/2017)

Matilde narra essas experiências como uma aprendizagem e uma luta contra o cenário adversativo de uma seleção recém-formada, em uma federação com pouca verba. Interessante o relato da ex-presidenta da CFF que aponta jogadoras uruguaias que já atuavam no exterior, inclusive em contextos profissionalizados, como o francês.

Outra personagem importante cujo me ajudou a entender melhor esse processo histórico foi o atual vice-presidente da ONFI, Jorge Burgell. Ele trabalhou desde o início da institucionalização do futebol feminino no Uruguai, junto a Matilde Reich e também foi presidente do Conselho de Futebol Feminino. Quando perguntado sobre como se deu o início da participação dele nessa parte da história do esporte uruguaio rememorou o que foi encontrado na AUF naquela época:

(...) Mas não havia nada de estrutura. Tinha uma sala no edifício central da AUF e tinha um apoio técnico do que era o Ministério do Desporto, que se chamava na época Comissão Nacional de Educação Física. Fazia pouco que eu tinha entrado aí como treinador, como docente e treinador de futebol... e ademais...tá... houve um triplo acerto por designar a Matilde. Primeiro que era mulher, segundo porque era professora de Educação Física e terceiro, e o mais importante, era que ela tinha experiência em gestão. Porque ela vinha de dois períodos sendo secretária de

esportes. Matilde me chamou para ir ajudá-la na AUF, pois eu já tinha trabalhado na intendência, me convidou para ser assistente técnico, nesse primeiro momento do futebol feminino uruguaio. Ai tá, fizemos muitas coisas. O primeiro foi juntar as meninas que tinham em diferentes lugares [que jogavam], reunimos todas e fizemos o torneio de futsal nas quadras que tem na orla, fizemos os primeiros torneios e aí os homens passavam pela orla e olhavam e diziam “uii...”. Enfim, era estranho ver mulheres jogando. (Jorge Burgell, 20/01/2017)

Jorge Burgell traz alguns elementos interessantes para se entender como a criação do departamento de futebol femininos em Montevidéu não era assunto tão simples uma vez que mulheres jogando futebol na sociedade daquela época era, de fato, uma anomalia.

As estratégias adotadas pelos dirigentes da AUF foi tentar absorver e regulamentar o que já existia na cidade. Dessa forma os primeiros investimentos e organização de campeonatos foram no futebol de salão.

Nesse primeiro ano de 1996, começamos a fazer as reuniões semanais e ir avançando, fizemos esses torneios de futsal de janeiro a março. Depois fizemos experimentos com futebol de campo no estádio do Rampla no [bairro] Cerro e chegamos a um patamar muito importante no dia 15 de agosto de 1996, quando fizemos a primeira mulher federada na AUF. Então, fizemos o primeiro torneio no segundo semestre daquele ano, e na última parte do ano fizemos um torneio com sete equipes: o primeiro que chamamos de torneio uruguaio. E quando terminou esse torneio, Matilde havia nomeado um técnico, um técnico importante, que treinava homens, havia sido o último técnico de uma equipe juvenil. Trabalhou para ser técnico da seleção feminina e preparou a seleção para jogar no campeonato na argentina em 1998. (Jorge Burgell, 20/01/2017)

Essa participação na construção do setor feminino da AUF, talvez tenha sido fundamental para Burgell, quando assumiu a presidência da ONFI ter curiosidade sobre a inserção das meninas no esporte.

A partir daí, percebemos que tínhamos que ir mais abaixo nas idades. Fizemos, então, os primeiros investimentos em times de base com escolinhas para meninas jogarem. Nesses 20 anos sempre teve campeonato sênior, nunca parou. Alguns times do interior participaram, com exceção desse campeonato, por exemplo, Rocha, que jogava no campeonato de Montevidéu, mas são exceções, sempre tem uma exceção. Hoje os times do interior jogam na OFI. (Jorge Burgell, 20/01/2017)

Burgell em sua fala aponta para um investimento massivo e estratégico para a normatização da prática do futebol por meninas e mulheres, desde uma perspectiva de agregar meninas no futebol institucional bem como o crescimento das ligas do interior regidas pela OFI.

Em cinquenta anos, a ONFI só permitiu meninas jogarem a partir de 2002. Algumas jogavam meio clandestinas. Depois quando estreou foi permitido jogar uma por categoria, no outro ano isso caiu e não tinha limite. Em 2005, eu cheguei

em abril aqui, então fui consultar no setor de federados, e vi que tinham 42 meninas, agora são 3 mil federadas. Em 2005, começamos a fazer torneios só de meninas. E faz pouco tempo, acabamos com a categoria masculina, agora só tem mista ou feminina. Daí, elas escolhem em que categoria jogar, se na mista ou na feminina, muitas jogam nas duas. Mas em geral nos times mistos são duas ou três. Não mais que isso. (Jorge Burgell, 20/01/2017)

Bom, então desde 2005, estamos fazendo os torneios de meninas, sub-13, sub-11, nos três últimos anos, fizemos o sub-9, o que nesse ano estabilizamos muito. Esse ano, estamos experimentando sub-7. Enquanto os meninos têm categoria desde os seis anos...para meninos temos nove categorias, porque você tem categoria até sub-5, ou seja, com quatro anos já tão jogando federados. A gente busca desenvolver o futebol infantil feminino dentro da ONFI, porque em geral os meninos têm a vantagem de jogar futebol desde que têm dois anos. (Jorge Burgell, 20/01/2017)

Burgell traz talvez uma das maiores diferenças das categorias masculinas e femininas no futebol: a idade que eles começam a jogar. O futebol como jogo de meninos, a bola como presente, a camisa do time são elementos fundamentais para a construção dos meninos como indivíduo. Os meninos aprendem a ter o domínio da bola a medida que assimilam seus primeiros passos. Dessa forma, no atual momento o futebol feminino se diferencia do masculino, pois o primeiro parte de uma escolha individual e, em alguns casos uma renúncia de um modelo de sociabilidade, no segundo o futebol é uma imposição social, de fato, tornar-se homem na sociedade uruguaia passa por algum momento pelo futebol. Assim, a proposta do diretor da ONFI é que o futebol seja um jogo de criança, não importando o sexo que ela nasça.

Considerações finais

Neste trabalho tentei problematizar as tensões no campo esportivo e a busca para legitimação do futebol feminino no Uruguai. Foi possível perceber que tal iniciativa está diretamente ligada a uma agenda política feminista em que a busca por igualdade de direito se expressa através do acesso a novas conformações corporais pelo meio do esporte.

Tal proposta política se insere, em um contexto mais amplo, em uma busca de reconhecimento pelo estado nacional uruguaio de reconhecer as mulheres como sujeitos

dignos de reconhecimento legal e de políticas públicas direcionadas a suas demandas específicas.

Acompanhando as ações da direção da delegação feminina de futebol, foi possível notar um investimento sobre o esporte feminino, não apenas com o intuito de torná-lo algum dia profissional, mas também de normatizar a prática em espaços de lazer para meninas de todo país.

Referências bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. 2ed Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- _____. Os Jogos Olímpicos. In: _____. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 123-128.
- _____. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2007.
- _____. Como é Possível Ser Esportivo? **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983
- DUNNING, Eric. **El fenómeno deportivo: estudios sociológicos en torno al deporte, la violencia y la civilización**. Barcelona: Editorial Paidó, 2003. ,
- GLUCKMAN, Max. Análise de uma situação social na Zululândia moderna. In: Bela Feldman-Bianco (org.). **Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos** São Paulo: Editora UNESP, 2010.
- HARGREAVES, Jennifer A. Gender on sports agenda. In: INGHAM, Alan G.; LOY, John W. (Eds.). **Sport in social development: traditions, transitions, and transformations**. Champaign: Human Kinetics. 1993
- _____, Jennifer. “Querying Sport Feminism: Personal or Political. In: Richard Giulianotti (org) **Sport and Modern Social Theorists**. 2015

¹ A delegação de futebol está ligada diretamente a Associação Uruguaia de Futebol, localizada na cidade de Montevidéu.

² *Universidad de la República-UY*.

³ Um dos times de maior visibilidade no Uruguai.

⁴ Banda Oriental do Uruguai, Uruguai ou Banda Oriental são formas que os cidadãos uruguaios se referem ao seu país.

⁵ Antes dos anos 1990 houve algumas tentativas de promoção do futebol feminino. Uma delas em 1970, quando o clube Nacional formou oficialmente o primeiro time. Esse assunto será melhor desenvolvido no capítulo III..

⁶ A partir do segundo semestre de 2013, a OFI começou a realizar torneios nessa categoria, porém não tenho dados de quantas mulheres estão filiadas a essa organização.

⁷ Ferramenta online que busca palavras chaves no banco de livros da Empresa Google. Atualmente estão disponíveis mais 7,2 milhões de livros em diversos idiomas, porém a grande maioria está em língua inglesa.

⁸Fonte:

https://books.google.com/ngrams/graph?content=feminist+sport&case_insensitive=on&year_start=1800&year_end=2000&corpus=15&smoothing=3&share=&direct_url=t1%3B%2Cfeminist%20sport%3B%2Cc0

⁹ <http://varonesunidos.com/ideologia-de-genero/gobierno-uruguayo-prepara-programa-para-imponer-la-ideologia-de-genero-en-escuelas-y-liceos/>

¹⁰Jornal diário Uruguiaio de ampla circulação.

¹¹ <https://goo.gl/kySc4H>

¹² Não quero com isso afirmar que exista uma relação direta com o momento político do país, pois acredito fosse necessário um investimento maior sobre as tradições jurídicas de ambos países.

¹³ Coligação partidária de esquerda.

¹⁴ Prêmio concedido anualmente aos três melhores desportistas do ano. As duas jogadoras do nacional na ocasião foram Mariana Alejandra Pión Núñez, e Paula Sofia no ano de 2011.